

AS MÁSCARAS SOCIAIS E O PROCESSO DE INTERAÇÃO SOCIAL NO CONVÍVIO DO OBESO

Monografia apresentada como critério para conclusão do concurso de psicologia

2012

Bruno Cezar Silva Franco

Graduado em Psicologia pelo Sociedade Educacional Fluminense - SEFLU (Brasil)

E-mail de contato:

brunocezarf@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho apresenta a forma como as pessoas obesas utilizam máscaras na convivência social para que possam estar em grupo e se sentirem aceitas. A percepção do uso de máscaras está ligada ao passado do sujeito, às sanções sociais, aos mecanismos de defesa utilizados para manter a integridade egóica e à aprendizagem por modelagem no contexto sociocultural, além da própria definição das metas de vida. Visando enxergar como os indivíduos tendem a colocar para que possam se relacionar, sem interferir na dinâmica grupal, de convivência. A percepção desta mudança é dificultada pela interferência do passado do indivíduo. Os indivíduos se deparam com as sanções impostas pelo seu inconsciente, devido a suas experiências socioculturais nas quais estão ou já estiveram inseridos.

Palavras-chave: convivência, mudança, obesidade, persona, relações.

ABSTRACT

The work shows how obese people use masks in social coexistence so that they can be in a group and feel accepted. The perception of the use of masks is linked to the past of the subject,

social sanctions, defense mechanisms used to maintain ego integrity and learning by modeling in the sociocultural context, as well as the very definition of life goals. Aiming to see how individuals tend to put so that they can relate, without interfering in the group dynamics, of coexistence. The perception of this change is hampered by the interference of the individual's past. Individuals are faced with the sanctions imposed by their unconscious, due to their socio-cultural experiences in which they are or have already been inserted.

Palavras-chave: coexistence, change, obesity, persona, relationships.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo o estudo do impacto cognitivo-emocional no indivíduo obeso no convívio em sociedade.

O interesse em desenvolver uma pesquisa referente os efeitos proporcionado na vida do indivíduo obeso no decorrer das relações sociais. Confrontando com os mecanismos utilizados por esses indivíduos para ser aceito.

O ser humano havendo a necessidade de se inter-relacionar no seu processo de desenvolvimento, o indivíduo aprende a partir da formação de deduções do conhecimento adquirido. Para McNamara (2002 Apud SANTOS; TASSITANO; NASCIMENTO, 2011), crenças culturais determinam normas sociais na relação com o corpo humano, devido ao mundo social discriminar as pessoas não atraentes em uma serie de situações.

Um gama considerável de informações, comportamentos e sentimentos, intrínsecos e extrínsecos, são determinantes para compreensão do desenvolvimento sócio-cognitivo e o processo de auto individuação. Freud¹, em seus estudos, aponta para o fato de que o inconsciente existe uma instância de personalidade que nos define. Onde os processos de prazer e limite são equilibrados para que não haja danos para o indivíduo, chamados de id, ego e superego. Sendo então o ego o

¹ [Médico neurologista judeu-austríaco](#), fundador da [psicanálise](#).

mediador deste processo, podendo assim colocar no exemplo ele percebendo no indivíduo esses parâmetros de desprazer e angústia. Protege-o, criando como defesa uma personalidade socialmente aceita.

Os indivíduos no ambiente social criam diferentes personas² (às quais poderíamos chamar de máscaras) com o intuito, consciente ou inconsciente, de se precaver (utilizando mecanismo de defesa do ego³) do resultado na convivência com o outro. O indivíduo obeso, desde sua infância, sofre com discriminações e rotulações, acontecendo na maioria dos casos bullying⁴ neste processo. Para a sociedade o gordo possui um estereótipo evidenciado em muitas cinematografias como o gordo sendo o atrapalhado, desastrado, sempre sorridente, camarada, guloso e nunca possui problema. Então o que proporciona nesses indivíduos? Colocam máscaras em sua personalidade para que seja socialmente aceito e não sofra.

O indivíduo obeso ao se deparar com essas instâncias que o afligem, constrange e o impedem de relacionar-se. Incita-o a desenvolver-se a partir de modelos adequados para aceitação social, deixando de produzir seu processo de individuação e passa ajustar-se a modelos e regras impostas. Devido sua auto imagem estar danificada pelas influencias externas.

A relevância da temática escolhida evidencia-se pelo fato de que o indivíduo obeso por muito tempo em sua vida é discriminada propiciando a exclusão social e de si mesmo acerca de sua personalidade. Almeja-se nesse trabalho elucidar as interferências no processo de desenvolvimento, interação e individuação do indivíduo e o que é provocado.

Por fim, foi utilizado método de pesquisa qualitativa, exploratória com origem em ensinamentos teóricos especializado, tendo por vista alcançar os intentos ansiados, onde será estabelecida a relação da atualidade com o referencial teórico e os relatos adquiridos em trabalhos institucionais.

2. DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES

No presente conteúdo será feito uma síntese sobre os conceitos acerca do contexto do desenvolvimento e estabelecimento das relações humanas relacionando tudo isso com os conceitos

² Segundo JUNG (1962) é a forma como nos apresentamos ao mundo. É o caráter que assumimos; através dela nos relacionamos com os outros.

³ De acordo com a psicanálise, mecanismo de defesa são operações de proteção do Ego para assegurar a segurança de si. (LAPLANCHE, 2001)

⁴ Segundo SILVA (2009) palavra bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino.

de cognição social e desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, entende-se como sendo o processo de expansão dos potenciais humanos. Aliado a este conceito rege o princípio da autoconsciência, a liberdade de escolhas e saberes, auto desenvolvimento, sensibilidade, capacidade intuitiva, auto transcendência (SUARES, 2007 Apud SILVA, 2009).

É essencial para o entendimento do processo de potencialidade e desenvolvimento humano, procurar elucidar o processo genuíno da evolução humana. O conceito de desenvolvimento está ligado à transformação de potenciais de um ser; quanto mais há a ser desvendado, maior se reconhece a importância para a sobrevivência. O desenvolvimento humano é impactado pelas interações sociais, crescimento econômico e o contexto cultural desencadeando os potenciais de realização, felicidade e bem estar.

Segundo Delor's (1998) o desenvolvimento humano é um processo que tem a intenção de aumentar as possibilidades oferecidas às pessoas, podendo essas possibilidades tornarem-se infinitas e evoluírem com o passar do tempo. Mas para que ocorra isso é necessário prover possibilidades fundamentais de obter vida longa e com saúde, tendo acessibilidade aos recursos necessários a um nível decente. Tornar-se-ão inacessíveis outras possibilidades na ausência dessas possibilidades fundamentais.

O conceito de desenvolvimento humano reúne questionamentos relativos à sociedade, concentrando na ampliação das possibilidades de potenciais e escolhas. As pessoas são as que mais se beneficiam do processo de desenvolvimento e sendo únicas responsáveis para que ocorra de maneira duradoura e plena. Para dominar o seu desenvolvimento, necessitam vivenciar um processo educativo. A educação desenvolve as aptidões e talentos de cada pessoa. Podemos, então assim pensar que o objetivo fundamental do processo de educar é proporcionar o pleno desenvolvimento do ser humano.

Para que se possa estudar acerca do desenvolvimento humano, devemos realizar um estudo das variáveis que participam do processo interacional do indivíduo. Toda aproximação realizada em um ambiente social, provoca a nossa percepção acerca de outras pessoas, dos grupos sociais em termos dos membros que os integram.

Esse processo é chamado por (TAYLOR; PEPLAU; SEARS, 2006 Apud RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2009) de cognição social, que é o estudo de como os indivíduos formam conclusões que se baseiam em informações que o meio ambiente fornece. A constituição do indivíduo nesta abordagem ocorreria através de diferentes grupos sociais que estimulam a coleta e armazenamento das informações, gerando julgamentos acerca das mesmas. Rotulamos as pessoas ou grupos porque formamos uma ideia da relação (ambiente – indivíduo – grupo) e um autoconceito.

A partir dos estudos da Psicologia Social acerca do processo em que os indivíduos formam impressões sobre si mesmo em relação ao mundo social e sobre uma ação no qual se estar imerso. Segundo Lamb e Sherrod (Apud_RAMIRES, 2003) acentuam que a cognição social está situada na intersecção de diversas áreas: cognitiva, perceptiva, emocional, social e desenvolvimento da personalidade. Esta área causa o reconhecimento das influencias interrelacionais e mutuas dos teóricos e pesquisadores entre o desenvolvimento em áreas muito distintas. Forgas (Op. cit.) reforça a teoria da necessidade da abordagem da cognição e afeto como tendo importância entrelaçada e inseparável da vida social.

Hinde (1976 Apud_ ARANHA, 1993) contribuiu para esta discussão ao fornecer perguntas metodológicas e teóricas sobre o estudo da interação enquanto unidade de construção das relações, a partir do pressuposto de que as relações cotidianas possuem um efeito cumulativo aparente no desenvolvimento e na caracterização dos indivíduos. Hinde fala que, ao se examinar a literatura sobre as relações interpessoais, não se pode deixar de se espantar pela ausência de tratativas de integrar as abordagens teóricas e metodológicas. Acredita-se que a falta de integração nas áreas das ciências sociais, deve-se à ausência de uma base descritiva. Faz-se necessário iniciar com uma abordagem descritiva se houver a intenção de escrever as condições necessárias para o desenvolvimento de uma relação.

Segundo Vygotsky (Apud_VIEIRA; SILVA; MANTOVANI, 2012) a criança de uma maneira inata possui em si duas maneiras para ser formada, pois estão intimamente relacionadas, sendo em característica importante e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente ordenada e especificamente humanas. Por meio dos seus estudos ocorrerá o despertar da aprendizagem, devido à transformação do ambiente, proporcionando então o aprendizado no indivíduo.

Neste processo o indivíduo adquire habilidades, informações, valores, atitudes entre outros à partir do contato com o meio ambiente, com a realidade e outras pessoas. Diferencia-se dos fatores inatos (como a digestão, que nasce com a pessoa) e dos processos de maturação que independem das informações do meio. Destacando assim a noção de aprendizado interdependente, que esta relacionado à ênfase dada nos processos sócio históricos do indivíduo (Op. cit.).

O melhor ensino é aquele que provoca o avanço do seu conhecimento, entretanto não deve ser manejada de maneira autoritária de ensino, mas no decurso de uma abordagem que alcance a estimulação do conhecimento na criança. Outro fator que deve ser considerado é a atuação do meio cultural e das relações sociais que a pessoa vivencia diariamente. Cada relacionamento entre o ambiente e o sujeito, seja social ou cultural, o mesmo toma uma carga de informações que auxilia na reconstrução dos conceitos anteriores e conduz a reelaboração de novos conceitos e criando assim um aprendizado dialético, promovendo mudanças individuais constantes. Estas mudanças continuamente formam a criação de uma nova cultura, por parte dessa pessoa que por meio deste

processo elabora uma formação sócia histórica que se funde a outras mudanças individuais, construindo a sociedade humana como um todo.

2.1. O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DA COGNIÇÃO SOCIAL

Lamb e Sherrod (Apud_RAMIRES, 2003) aponta que as crianças desenvolvem a compreensão do ambiente social e do seu papel é multifacetado e complexo. O desenvolvimento sócio cognitivo inicia na origem do processo de conexão emocional e separação-individação com o outro. Incluindo a compreensão crescente da percepção e emoções, e no conhecimento dos atributos pessoais dos outros no self das crianças e adolescente. Incluindo a compreensão das causas do comportamento e das relações sócias que comprometem no reconhecimento de relações recíprocas como o relacionamento afetivo – amoroso, amizade e julgamentos morais.

A cognição social procura integrar os diversos aspectos do desenvolvimento sócio – cognitivo, tornando possíveis os exames do entendimento que as crianças e adolescentes possuem dos relacionamentos sociais, incluindo os relacionamentos que envolvem em conexões sócio – emocionais.

Ramires (2003) aponta que o processo de diferenciação gradativa entre objetos humanos e não humanos, entre o self e o não self e entre um objeto humano e outro assina-la como parte do processo de desenvolvimento sócio – cognitivo da criança como demanda de separação e diferenciação. Para Ramires (2003), self é o conceito que aponta o “eu” da mente e um trabalho central para a criança em quem ela adquire uma noção de si mesma como indivíduo de importância separada e distinta, diferenciada das outras e ligada emocionalmente e socialmente com elas.

O processo de definição e articulação do self inicia cedo na vida do bebê, da mesma maneira que tomam conhecimento que os seres humanos são objetos notáveis com os quais haverá a possibilidade de interação de maneiras especiais. Tornando os objetos humanos gradualmente diferentes dos não humanos para os bebês. Ramires (2010) pontua que os bebês aprendem que as pessoas respondem aos seus sinais e não os objetos; aprendem que a maneira de se comportar das outras pessoas pode ser contingente e previsível ao seu comportamento próprio e que a contingência caminha na direção oposta, possibilitando assim a expansão da consciência das contingências recíprocas.

A reciprocidade das interações são os possibilitadores da ação de diferenciação do self⁵. Fora isso, os primeiros ensaios de uma criança, tem a função de responder as expressões faciais e gestos de emoções dos outros. O aprendizado desse repertório de expressões pela criança serve como guia para ações com prudência. No fim do primeiro ano de vida, as crianças se encontrarão com uma consciência mínima acerca das experiências internas (emoções, desejos, intenções) e do compartilhamento dos estados internos com os outros (Ramires, 2010). Porém, segundo Bowlby (Apud_RAMIRES, 2003), a questão máxima das conexões com os outros indivíduos é chamada de apego social.⁶ Este é a resultante do desenvolvimento de vínculos carregados de afetos com algumas pessoas (tais como os pais) e a maneira de interação social de duas vias, na proporção que os comportamentos e sentimentos dos pais são envolvidos. Tendo assim, em torno do nono mês de vida, as crianças apresentam os primeiros sinais da formação desses apegos sociais específicos.

Daryl (Apud_RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2009)⁷ teoriza sobre a forma com a qual nos comportamos forma a melhor origem das informações acerca do que é nosso. No momento em que nossos sentimentos e atitudes possuem uma ambiguidade, podemos tornar claro à partir de observações dos nossos comportamentos e da situação ocorrida, tirando por conclusão das causas reais motivacionais. Sendo assim, um comportamento ocasionado por uma motivação intrínseca vai sendo reforçado de maneira contínua por recompensas de significados externamente, ocupa sucessivamente a razão a qual o comportamento foi proporcionado. Tornando assim interessante esse argumento quando pensamos no comportamento do obeso e como passa a agir de maneira a qual não tornará o centro das atenções e de aceitação do grupo.

Outro argumento interessante acerca do desenvolvimento cognitivo está relacionado às emoções de Stanley Schachter (Op.cit.). Segundo ele, os tipos de emoções experimentadas a partir das observamos à cerca das mudanças fisiológicas e da condição em que acontecem proporcionamos a interpretação delas. Servindo ponto norteador de diversas situações e classificações do nosso estado, produzindo um significado e influenciando o modo pelo qual é ocasionada a avaliação e interpretação.

⁵ *Self* é o conceito que indica, o “eu” da mente e uma tarefa central para um indivíduo a qual adquire uma noção de si mesmo como entidade separada e distinta, diferenciada as outras e ao mesmo tempo conectada socialmente e emocional a elas.

⁶ Segundo Cook (Apud_ Ramires, 2010) é uma teoria que explica principalmente como é afetado os processos interpessoais e o desenvolvimento social-cognitivo.

⁷ Teoria da autopercepção.

3. A NOÇÃO DE MÁSCARAS NA CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO

Desde as primeiras civilizações humanas, foram determinados papéis sociais na vida de cada indivíduo. O convívio socialmente, em sua maioria das vezes, não é uma tarefa prazerosa e nem simples para o ser humano. É necessário se apropriar e algumas vezes abdicar, em certos momentos, do que verdadeiramente somos para adquirir boa imagem diante dos olhares alheios. A cada relação constituída, somos cobrados pela forma de pensar, agir, bem como, inconscientemente aguardamos que seja satisfeito por outros indivíduos.

Há imposições intrínsecas acerca do comportamento do indivíduo nas relações profissionais, familiares, de amizades entre outros. Utiliza-se máscara social em razão da necessidade de adquirir reconhecimento e admiração no convívio cotidiano. Frequentemente, somos rendidos a opiniões que na maioria das vezes discordamos e nos lamentamos ocultamente sem expor um ponto de vista diferente, que poderia ser melhor do que as normas pré-estabelecidas.

Recebemos investimentos importantes para a construção da nossa constituição desde o nascimento. Esse anseio oriundo de outro indivíduo irá formar-se em nosso inconsciente, proporcionando o surgimento de identificações em nossas relações que irão a moldar a personalidade de cada indivíduo. Passaremos então a gozar a percepção de como somos, no decurso da auto-avaliação global, de como somos vistos pelos outros e por final, de como tornarmos de fato. Em algumas das esferas, a percepção distorcida proporcionaria o comprometimento psíquico no indivíduo. Para que isso não ocorra é preciso perceber-se, ao entrar em sofrimento e procurar ajuda psicológica.

Algumas vezes, não percebemos de que levamos ao “pé da letra” as fronteiras dos papéis sociais e as condessamos em nossas mentes. Na infância, muitas das vezes assumimos papéis idealizados dos nossos relacionamentos, como quando a criança brinca de casinha e assume o papel de seus pais, ou quando se transforma em seus professores, médicos, personagens da tv, etc. Com o passar dos anos, as idealizações são modificadas e passam a ter objetivos mais concretos para o ser humano e procuram ir à busca delas.

Internamente, existe uma batalha entre o que nossas pulsões ambicionam e o que é exigido pela sociedade. E para viver de acordo com as expectativas externas, o indivíduo tomar conhecimento que necessita frear seus desejos e impulsos, no decurso de uma serie de estratégias e mecanismos de defesa. É necessário ser realista e admitir que nunca haja a possibilidade de ser e ter aquilo que nossos desejos mais profundos ordenam. Porém, o outro extremo é prejudicial; o sacrificio pelo bom conceito perante a sociedade não podendo exceder os limites, gerando sofrimento e angustia.

Perante do alvoroço de obrigações, limitações e responsabilidades, existe um indivíduo tentando sobreviver na procura pela adaptação. Desta maneira, os papéis sociais são importantes. Entretanto, cabe a cada pessoa reconhecer-se nas diversas possibilidades e a procura pelo equilíbrio entre o que almeja e o que os outros querem. Caso contrario, estará eternamente estagnado e aprisionado em suas próprias máscaras.

3.1. UMA SÍNTESE HISTORICA ACERCA DA UTILIZAÇÃO DAS MÁSCARAS NA SOCIEDADE.

Um dos meios mais antigos produzidos pelo homem para transformar sua personalidade foram às máscaras. Sua origem vem do termo Maskara (MAIA, 2010), que significa falsificar ou transformar em um animal, monstro ou aberração. Encontramos no dicionário da língua portuguesa, segundo Rodrigues e Nuno (2004) encontramos a descrição de máscara como sendo para disfarçar, fantasiar.

Ela é um objeto universal, possuindo relatos de seu uso em diversas partes do mundo, em varias épocas. Foram criadas para satisfação das necessidades e desejos de cada sociedade como forma de sobrevivência, manter, prosperar e reviver identidades. Simbolizam nossa capacidade de transformar, mudar e viajar para outros mundos. Segundo Nunley e Carty (1999) descrevem que os antropólogos tem a crença que o uso das máscaras data de aproximadamente 30.000 anos. Existem relatos do uso de máscaras em grutas paleolíticas de Troi-Freres e LesCambarelles, na França e nas barrancas de Gúsula, na Espanha. Na forma de pinturas rupestres teve a possibilidade de constatar que eram feitas para camuflagem do caçador, confeccionadas de peles de animal com o sentido de atrair as presas durante a caçada.

As máscaras simbolizam nossa capacidade de mudar transformar e viajar para outros mundos ao qual o ser humano acredita. Sendo a expressão encarnada de uma divindade. Com sua função assim representada em muitas sociedades desde a antiguidade, utilizada em rituais mágico-ritualista; na antiguidade em algumas sociedades rurais, tinham por simbolizar a força sagrada que comanda o mundo acreditando que existindo um mundo espiritual.



FIGURA 1
MÁSCARA REPRESENTANDO
SOBRENATURAL, USADA NA FESTA DA MOÇA
NOVA.

Origem: rio Solimões, Amazonas
Nome indígena: tó'utyro
Feito por índios: Tikuna
Outros nomes: Ticuna, Tukuna, Magüta
Material: entrecasca de árvore, breu, fibras
Fonte: LOJA VIRTUAL IANDÉ (2012)

Outra representação das máscaras está relacionado aos ciclos e marcos da vida; rituais de fertilização, em prol dos campos e dos homens representado em diversas culturas; em rituais de iniciação e passagem, representando comumente a passagem da adolescência para a fase adulta; a morte, em rituais funerários, onde as máscaras eram colocadas sobre os rostos dos mortos e no próprio sepultamento das máscaras, que em algumas sociedades eram sepultadas como se fosse um ser humano.

Além do sentido místico-religioso, as máscaras a questões tem um papel agregado a acontecimentos e questões contidas em episódios sociais e emocionais. Podendo destacar a função sustentação de poder e elemento de força, a sua utilização está relacionada a representantes de certos grupos sociais. Onde passa a ser vista como objeto de encantamento e amedrontamento. Como em determinadas tribos africanas, onde são utilizadas por diversos chefes tribais e nos cultos atemorizadores.

Também possui destaque em eventos públicos a função de proteção de identidade como as máscaras votivas e carnavalescas; a função de castigar pessoas que desrespeitavam as regras sociais como as máscaras infames na Idade Média e a caracterização ligada ao folclore, ao carnaval e ao teatro como as máscaras do teatro nipônico e as máscaras do carnaval brasileiro.

Dentre os povos indígenas brasileiro, quase todos possuem bailados com máscaras, utilizadas em cerimônias, com o objetivo de proteção as caçadas e pescarias. Utilizavam também em importantes celebrações da tribo como: nascimento, casamentos, rituais fúnebres e em comunicado oficial para marcar a primeira menstruação feminina. Muitas tribos acreditavam que ao representar nas máscaras alguns animais enclausurava as almas dos mortos.

Entretanto, as máscaras não tem destaque somente nas tribos indígenas. Segundo Klintonowitz:

No Brasil, um país rico em mitos e ritos, a máscara tem uma importância vital e é presença constante na vida da população. Aqui ela permanece um fator de equilíbrio e transcendência. A máscara está nesta relação de vivência de mitos e de vitalidade do símbolo. A máscara participa da nossa vivência emocional,

social e espiritual (...). No teatro popular, nas danças, nas manifestações folclóricas em geral, o uso da máscara é essencial, determinando o caráter dos personagens, relembrando a história da comunidade, as ações corretas e incorretas, o bem e o mal. O nosso folclore, movimentado e plástico, utiliza a fantasia e a máscara, conjunto magnífico de Persona, capaz de comover a comunidade da qual nasce e com a qual convive ciclicamente, anualmente, numa ação e comportamento vinculados a longa tradição. (KLINTOWITZ. 1986, p. 37)

No Brasil, em muitas festas folclóricas as máscaras tem seu lugar de destaque. Citando alguns exemplos como: a Cavallhada, Folia de Reis a Dança do Boi no Maranhão, Boi bumba no Pará e Amazonas, Bumba meu Boi no Piauí e em outras regiões no Brasil. Sendo a figura folclórica do Boi, como a de maior incidência no Brasil, constantes nos ciclos agrários, representante de força e fertilidade.

Com destaque no Brasil, uma das festas populares como sendo uma das mais importantes o Carnaval. Oriunda dos cultos aos deuses da antiguidade, se difundindo pelo mundo. Com o nome de entrudo, veio com os portugueses no início do século XVII, quando foi realizada uma celebração pelo povo para comemorar a vinda da Família Real para o Brasil. Desde início do carnaval no Brasil, as pessoas comemoram com máscaras, fantasias e musicas pelas ruas. Acontecem modificações na sua dinâmica aos logo dos anos, tendo diversas expressões ao longo do País. A máscara característica do carnaval não é oculta, mas a revelada. Com a identidade protegida, os indivíduos podem revelar todos os desejos e sentimentos serem criticados pela sociedade. O carnaval pode ser classificado como sendo um período de balanço anual, pois esse é o tempo de liberar seus pensamentos e emoções. É o tempo de protestar contra a corrupção dos seus governantes, esquecer e lembrar-se de amores passados, buscar ou celebrar novos amores.



FIGURA 2
MÁSCARA CARNAVALESCA GOAT, 1965
ORIUNDA DO POVO OTOMI DO MÉXICO.
Confeccionada em madeira, cabelo de bode,
chifre de bode e couro.
Fonte: Nunley e McCarthy (1999)

No Brasil, podemos ainda destacar o uso das máscaras em cerimônias religiosas pelos povos indígenas que utilizam as máscaras com um duplo caráter. Ao mesmo tempo em que é a figura viva do ser sobrenatural, também são artefatos fabricados por um homem comum. Feitas em cabaças de palhas de buriti, cascas de árvores, comumente são utilizadas em danças cerimoniais, simbolizando figuras da mitologia indígena. Em algumas tribos indígenas as máscaras eram desenhadas no próprio corpo utilizando pigmentos. Na tribo indígena Karajá, representam seus heróis utilizando as máscaras como forma de conservar a ordem no mundo através da dança do Aruanã. Com as suas representações simbólicas, as máscaras aproximam estas forças sobrenaturais ao ser humano e materializam todos os códigos inscritos nos mitos e rituais, disponibilizando a leitura que cada indígena fará deles.

Um fenômeno recorrente nas mitologias indígenas é referente a um acontecimento em um passado distante foram realizados conflitos entre os índios e as entidades representadas pelas máscaras, entretanto no presente os indígenas realizam festas com o intuito de deixar a divindade alegre e manter controle sobre elas. Com isso eles conseguem superar os confrontos passados e influenciam em favor de seus interesses as forças sobrenaturais.



FIGURA 3
MÁSCARA USADA EM RITO DE PASSAGEM
MASCULINO.

Origem: Serra do Roncador, Mato Grosso
Nome indígena: wamnhorõ
feito por índios: Xavante
Outros nomes: Akwê, A'uwê
Material: fibras de buriti
Fonte: LOJA VIRTUAL IANDÉ (2012)

Em eventos específicos, são encontradas máscaras com utilização mundial como: as máscaras de transgressão e proteção. Com um caráter específico mais popular e em alguns casos utilizam as máscaras de proteção tem um caráter muitas das vezes de proteger o homem da aflição, da dor e dos perigos que na sua existência o ameaçam. Entretanto, as máscaras de transgressão possuem um caráter de máscara social do cotidiano, pois são utilizadas por tribos urbanas como meio de transfiguração para que suas idéias sejam reforçadas acerca da sociedade.

Existe um dualismo no uso das máscaras, servindo para esconder ou revelar. Ao utiliza-las para esconder a identidade, livra o indivíduo do julgamento social e como consequência, liberta para expressar os desejos e pensamentos, e o nosso eu verdadeiro. Com esse sentido, pode-se dizer que as máscaras são utilizadas para formação “papeis” utilizados no nosso meio social e para proteger muitas vezes o nosso ego⁸.

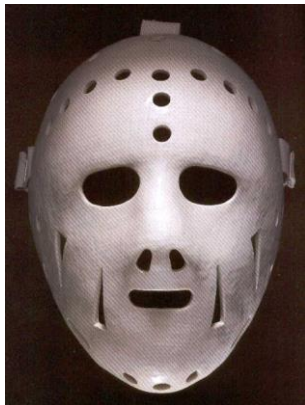


FIGURA 4
MÁSCARA DE HOCKEY, 1964.
Oriunda dos Estados Unidos.
Confeccionada em fibra de vidro.
Máscara de proteção.
Fonte: Nunley e McCarthy (1999)

Pode ser observado no decorrer deste capítulo, que a máscara é uma expressão simbólica usada pelos indivíduos desde o princípio da humanidade. Ao longo da história, é relatada como se teve a possibilidade de observar, que possui uma ligação a eventos em sociedade.

3.2. O SIMBOLISMO ARQUETÍPICO.

Nos primórdios a psicologia analítica, se diferenciou das teorias psicológicas existentes da época, pelo conceito que foi defendido pro seu precursor. Jung (1963) conceitua como arquétipo como forma de apreensão que se repetem de forma uniforme e regular, de característica mitológica que não pode ser esquecido. Para isso devemos compreender primeiramente o conceito a qual Jung e posteriormente muitos teóricos se dedicaram a estudar, compreender e elucidar.

Primeiramente devemos compreender que ao se falar de arquétipo, não podemos deixar de pensar acerca do conceito de inconsciente escrito por Freud. Para Freud (Apud_JUNG, 2000), o inconsciente aparece como sujeito atuante, em um espaço de concentração de conteúdos retidos e

⁸Pode ser definido como o centro da consciência. Segundo Jung (Apud STEIN, 1998), “entendemos por ego aquele fator complexo com o que todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui, por assim dizer, o centro do campo da consciência, (...) o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa.” (p.23).

esquecidos, alcançando uma significância prática e de caráter pessoal, sendo chamada então de *inconsciente pessoal*. Entretanto, Freud modificou posteriormente as instâncias para id e superego (correspondente ao inconsciente pessoal e coletivo consecutivamente). Se estabelecendo em uma categoria mais íntima inata, não possuindo mais aquisições pessoais ou experiências, sendo chamada por Jung (2000) de inconsciente coletivo⁹.

Dentro desse último, há a existência de conteúdos que podemos tomar consciência e sendo denominados de arquétipos por Jung. Em muitas sociedades primitivas são transmitidos conteúdos arquétipos de maneira especial, deixando de serem conteúdos do inconsciente e convertendo-se em uma forma de expressão concisa consciente.

Podemos encontrar outra maneira de expressão arquetípica nos contos de fadas e mitos, transmitido também ao longo dos anos. A representação do arquétipo está contida no inconsciente, se modificando no decurso de sua percepção e conscientização, encarregando-se de matizes variantes conforme a manifestação da consciência individual. São observações renovadas de que os contos e mitos finalizam temáticas bem definidas que reaparecem por toda parte e sempre. Quanto maior sua clareza, maiores são os acompanhamentos de tonalidades afetivas, nos impressionando, fascinando e influenciando. Sua origem em si, foge à representação, inconsciente e preexistente parecendo pertencer à estrutura psíquica herdada, podendo também revelar espontaneamente por toda parte e sempre.

São características virtuais e aspecto da psiquê que se movimento pro si mesmo. Não são sujeitos de percepção direta, mas no decurso de imagens e representações. Os arquétipos em si são vetores das tendências de vontade do inconsciente, a qual é submetido a direção deles. A estruturação é iniciada no contato da matéria com o espírito através da interação do meio espiritual e o físico.

O arquétipo não possui um conteúdo determinado; somente são determinados em sua forma em um grau restrito. Em si mesmo o arquétipo é frívolo, um dado genuinamente formal (JUNG, 1963). Somente sendo herdado as suas formas, não suas representações. Sua verdadeira essência não pode transformar-se consciente, pois ela é transcendente. Para Novaes (2005, p.250):

São estruturas virtuais, primordiais da psiquê, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que

⁹De natureza universal contrária a psique pessoal, possuindo os mesmos comportamentos e conteúdos em todos os indivíduos.

produzem. Pode-se percebê-los pelos complexos que todos temos, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas.

Dentro do indivíduo existe uma necessidade de exibir uma imagem idealizada de si mesmo, com o intuito tornar fácil a convivência social. Todos os seres humanos procuram apresentar o melhor de si para os outros, a fim de introduzir oportunamente em sociedade. Naturalmente, o lado negativo da personalidade é ocultado para não ser percebido.

Jung (Apud_OCANÃ, 2008) conceitua um processo chamado de *persona*, que tem origem do teatro grego onde os atores utilizavam máscaras para representar personagens. Persona é o esforço de adaptação resultante do eu social executado para obedecer as normas morais, sociais e educacionais do seu meio, lançando para longe do seu campo de consciência todos os elementos (traços de caráter, talentos e atitudes) que se julgam inaceitáveis para pessoas que tem significância no meio. Para conseguir assentimento pelos outros indivíduos, rejeitamos o que nós cremos não ser aceitável para eles. Podendo negativo e positivo.

Outro conceito relacionado ao arquétipo pessoal é a sombra. Refere-se à atitude interna do indivíduo que oculta no amago de sua psique tudo que é expelido pelos padrões sociais e por si mesmo, é aquilo que é determinado como contrário da moral e do domínio da força bruta. O inconsciente é povoado por criações mentais coibidas e sem limpeza inalteráveis dos conteúdos mentais. Quanto maior for a distância entre o que na verdade somos e o que desejamos ser, mais dominará a ansiedade, devido ao temor a que os outros silenciem o nosso ser.

A sombra causa medo porque se aparece, intimida a nossa imagem aceitável. Tanto mais intimidar-nos-á, quanto mais tenhamos lutado por alcançar uma imagem ideal de nós próprio.

Em oposição com a sombra, que é o rosto que escondemos, a persona é o Eu público, é a aparência que apresentamos ante o mundo. Agarramo-nos à persona porque cremos que é o mais valioso que possuímos.

A formação da sombra é devido à exigência da necessidade de permutar aos outros uma imagem que seja identificável e valorizada e do processo de socialização. O que o indivíduo vive como não aceitável relega-o para sombra. Buscando o reconhecimento e o amor dos outros, o indivíduo de maneira inconsciente, renuncia a ser ela própria para o que crê que espera dela. Todo o processo de adaptação à realidade e de socialização, o faz deslocar para o inconsciente aquilo que olhamos como obstáculo para o resultado da aceitação e reconhecimento do grupo social pertencente.

Entretanto, Jung (Apud_NEWMAN,1996) e Newman (Op. cit.) definiram o desenvolvimento psicológico em uma perspectiva analítica descrevendo os estágios arquetípicos

do desenvolvimento do ego através dos mitos, fundamentando na premissa de que a consciência individual tem que transitar pelos mesmos estágios que definiram a evolução da consciência da humanidade.

O primeiro estágio é referente a uma unidade psíquica de não diferenciação do inconsciente e do ego, em que não existe separação mãe-filho. Este estágio é simbolizado pela serpente que engole a cauda (uroboro) e se pode falar que a criança esta contida no uroboro materno. O autor pressupõe que não existe diferenciação biopsíquica entre os sexos que tem manifestação arquetípica e simbólica.

No segundo estágio é chamado de uroboro patriarcal ou paterno. Nesta fase existe invasão uma força desconhecida e numinosa¹⁰. Expõe que para a mulher está fase é determinada pela habilidade adquirida de ser penetrada e dominada, mas sem que ocorra a projeção em um homem real. Com o surgimento do uroboro paterno, potenciais interiores inconscientes surgem repentinamente na personalidade.

No estágio seguinte é denominado de patriarcado. Caracteriza-se pela figura do herói masculino que liberta a donzela do uroboro patriarcal, representando assim a passagem para esta fase. Se anteriormente o masculino era anônimo e impessoal, de forma agora surge de maneira pessoal, como uma força externa e interna do indivíduo (normalmente na mulher). A transição para está fase é perigosa, pois pode ocorrer a perda do Self.

Em ambos os sexos existe uma instância arquetípica que manifesta na psique do sexo oposto atuando no indivíduo, denominado por Jung (Apud_ SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988) como sendo *anima e animus*. São subliminares à consciência e trabalham a partir do interior da psique inconsciente, provendo benefícios à consciência, entretanto podem por em risco através da possessão. Exercem influencia sobre o principio psíquico dominante do indivíduo e não exclusivamente, como a contraparte psicológica contrasessual de feminilidade ou masculinidade.

Pode ser visto como uma grande contribuição para compreender o relacionamento entre mulheres e homens. São parceiros invisíveis existente em todos os relacionamentos. Comumente a mulher projeta seu animus no homem e o homem projeta seu anima na mulher. Repetidamente, esse posicionamento proporciona tanto do encantamento e atração entre os parceiros quanto dos conflitos e dificuldades nos relacionamentos, uma vez que elas são inconscientes e afligem a percepção que se possui do outro indivíduo. Este indivíduo se torna o receptáculo da projeção, que tem sua origem numa representação coletiva do feminino ou masculino e não individualizada pessoal. Para o desenvolvimento psicológico é necessário à conscientização destas projeções com

¹⁰ É o estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais de uma divindade.

o propósito de libertar o outro e o relacionamento de conduzirem o fardo dos conteúdos projetados, acontecendo de maneira autônoma.

Wilber (Apud_KROTH, 2008) fala que o indivíduo não somente se constitui desses três estágios. Ele fala que o ser humano atinge sete estágios de desenvolvimento. Fala que no quarto estágio é o estágio de afiliação - cognição ou o eu da afiliação, surgindo assim à linguagem. A estrutura de qualquer linguagem inclui uma resoluto sintaxe de percepção e na dose em que é adquirida a estrutura profunda de sua linguagem materna, o indivíduo aprende a produzir uma síntese mental de um resoluto tipo de realidade descritiva, e percebendo assim como se permanecesse incorporado na própria estrutura da língua, a estrutura da sua língua é a estrutura do seu eu e o limiar do seu mundo. As exigências do instinto não dominam mais totalmente o indivíduo, ele já consegue transcendê-las. À medida que o eu mental faz sua aparição e diferenciase do corpo com ajuda da linguagem, transcende o corpo e permite agir sobre ele utilizando instrumentos suas próprias estruturas mentais. Quando isso ocorre, permite que o início da sublimação das energias sexuais-emocionais do corpo em atividade mais complexas, sutis e evoluídas.

No quinto estágio, o ego original e intermediário/persona, o indivíduo muda de lugar sua identidade central da esfera tifônica para a esfera mental e verbal. O raciocínio conceitual, linear, abstrato consensual e verbal introduz concretamente em todos os elementos da consciência. Resultando no final o que o eu deixa de ser apenas auto imagens amorfas e passageiras, para se tornar em uma unidade de natureza superior de conceitos verbais, auditivos, dialógicos e sintáticos, consolidando rapidamente.

No sexto estágio, da adolescência, a etapa do ego tardio/persona – o eu inicia a diferenciarse do pensamento efetivo. Podendo até certo ponto transcender o processo do pensamento e, portanto atuar sobre ele. Durante o período tardio do ego, além de dominar suas diversas personas, a pessoa também dá início a transcendência e a desidentificar-se delas.

No sétimo estágio o indivíduo já possui um ego amadurecido, além de ter o domínio de suas diversas personas, tende a diferenciar delas. Integram todas as possíveis personas no ego maduro e inicia a diferenciação para descobrir pela transformação uma unidade de ordem superior ao ego egóico.

3.3. A UTILIZAÇÃO DAS MÁSCARAS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES

Máscaras sociais são posturas sociais que necessitamos assumir-nos diferentes tempos e espaços da sociedade. Os arrolamentos de poder entre os indivíduos causam as máscaras sociais.

Porém essa máscara social não necessita ser verdadeiramente um objeto para por na face, mas uma canção, uma atitude, uma palavra ou um acessório cênico.

Ao se admitir que os compita viver conforme a sociedade estipulou, cada qual indivíduo exercendo seus papéis sociais como o de esposa, marido, pai, mãe, etc., conservando-nos presos, ou impedindo o desenvolvimento. Não compreendemos que cada papel transporta em si mesmo o limite de atuação. Este extremo referencial a que fazemos uso para definir as regras de cada atuação social conveniente ao melhor convívio. Por um prisma ganhamos ao identificar, ensinar e aprender à descendência como se deve viver para que não se subordine à sorte, em contrapartida desperdiçamos o espaço à criação de performances alternativas e desta maneira reduzimos as chances de desenvolver a autonomia crítica, considerando poucos duvidarmos se os papéis desempenhados socialmente é a única forma de interagir e viver (MALINOWSKI, 1975).

Cada ato diz respeito a uma máscara utilizada para encenar o teatro da vida. Devemos ser de uma maneira para com nosso chefe, colegas de trabalho, familiares, amigos, membros da igreja etc. Contudo, nos proporciona a vestir tais máscaras para que haja uma adequação cotidiana. Não obstante, cada máscara tem uma limitação de se agir, ajustando-nos a uma maneira de ser. Acontecendo conflitos devidos o desacordo entre tipo de temperamento introvertido ou extrovertido, conceitos concebidos, experiências amontoadas e padrões comportamentais sugeridos pela sociedade.

Compreendemos que limites são necessários para a adequação do convívio. Neste trabalho não se defende a abolição de leis e regras, já bem elucidadas. Mas sim que a ordem social tem sua atribuição na regulação do convívio entre os indivíduos. Todavia, nos guarnecemos dessas atribuições ao utilizar as máscaras sociais e atuamos apenas em conformidades a elas. Tal fato oculta poder, oportunamente imputamos limitação a nós mesmos seguindo rigorosamente as diretrizes de cada atribuição determinada.

Não percebemos que respeitamos em exagero os limites das atribuições sociais e para tal razão estabelecemos uma mentalidade endurecida. Despercebidamente agimos desta maneira desde a infância. Acreditamos que outras atribuições (papéis) auxiliam apenas para quem exerce. Porém, demasiadas são as atribuições a ser utilizado até se alcançar aonde o sonho chega. Outro questionamento importante é a obediência incondicional e o medo a que sujeitamos mediante personagens que usam máscaras de posicionamento social ou hierarquia acima da nossa. Exclusivamente obedecemos ou nos lamentamos às escondidas sem propor pontos de vista e idéias contrárias, que podem conforme a necessidade e ocasião, serem enganosamente melhores.

Atrás de cada máscara existe um ser humano tentando sobreviver em seu meio, procurando a adaptação à sociedade ou grupo pertencente. Em vista disso, os papéis são necessários. Entretanto, é relevante a capacidade potencial que todos exercem para desenvolver a autonomia,

criatividade e ações individuais e comunitárias. Porém, para dinamizá-la, necessita reconhecer as múltiplas possibilidades a se desempenhar de maneira de novos e indispensáveis papéis, além do já possuídos.

Podemos crescer em outra atribuição, libertando-se da aprisionadora de limitação. A vida é abarrotada de oportunidades, mas se não cremos em nossa própria capacidade, nada acontecerá. Para o indivíduo, faz se necessário à escolha de uma máscaras ou a melhora do desempenho das que são utilizadas. As máscaras sociais que anteriormente parecia impossível de pertencer-lhe estão mais próximas do que já se supõe.

4. O MUNDO GLOBALIZADO, A DIVERSIDADE E A APRENDIZAGEM POR MODELOS.

Ao se pensar que a aprendizagem inicial do indivíduo é provavelmente a aprendizagem oral e que ao longo da sua vida, vai se modificando vagarosamente justapondo-se ao meio social. Compreendendo-se que há muitas maneiras de aprender.

Deste modo, como há a necessidade da aprendizagem dos comportamentos sociais, a aprendizagem torna-se uma obrigatoriedade para o indivíduo, pois o comportamento sem ajuste pressupõe de alguma maneira de exclusão social. Da mesma maneira que há ou deveria haver tipos diferenciados de aprendizagem, também há sujeitos que aprendem de maneira diferente, visto que cada indivíduo é único.

A obesidade provavelmente, segundo evidências históricas, é a enfermidade mais antiga conhecida. Ela é retratada em obras nas quais mulheres obesas eram esculpidas e retratadas como referencial de beleza há mais de vinte mil anos (Apud_ ZOTTIS; LABRONICI, 2003).

Desde o período Greco – romano a obesidade possuía uma conotação de desprezo, como ocorre a contemporaneidade. A obesidade era vista com uma doença moral e social, não dependendo tratamento, mas disciplina, auto - estima e força de vontade, pois é adquirido à partir de maus hábitos alimentares, descuido e inatividade física, eram assim atribuídos.

O obeso se depara até a contemporaneidade com um conjunto de problemas impostos pela sociedade: padrão de beleza, imposto, restrições e preconceitos, dificuldade nos relacionamentos diários, locomoção e transporte, vestuário e no trabalho (Ibidem).

O indivíduo encontra dificuldades até mesmo nas realizações mais simples do cotidiano. Executá-las torna um desafio e a perda de peso significa recuperação da auto - estima e qualidade de vida. O corpo é o ancoradouro do nosso ser, é o veículo que permite nosso caminhar existencial, nos uni com o mundo por meio de uma relação dialética e intencional.

Na concepção do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1994, p.61) o corpo é produtor e portador de significado, é fonte natural de sentido; é espaço expressivo, é o nosso meio geral de ter o mundo, porquanto ele me abre ao mundo e nele me coloca em situação e em comunicação com a espaciotemporalidade, com o mundo visto não mais como a soma de objetos determinados, mas como horizonte de possibilidades infinitas, motivo pelo qual não posso possuí-lo, e como horizonte dissimulado de nossa experiência sem cessar, como meio e campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. Ele é tempo e espaço, é sensibilidade, é expressão, fala, linguagem, isto é, espaço expressivo, conjunto de significações que, ao serem vividas durante nossa deambulação existencial, passam a fazer parte do nosso ser, da nossa bagagem cultural e histórica e que, fazem do corpo “memória”, memória que guarda, retrata, conta e faz histórias, porque vivencia e experiência o ser e o estar no mundo, o ser-aomundo em um processo de coexistência”.

Na sociedade contemporânea, a obesidade é vista como sendo uma doença que preocupa o homem e o exclui de um padrão estético social. Ela afeta a totalidade do corpo, pouco e s atinge o homem nos seus aspectos sociais, psíquico e físico. Com isso o indivíduo obeso no intuito de emagrecer “milagrosamente”, aceita variados tipos de emagrecimento para a redução do peso.

O indivíduo obeso na sua necessidade de satisfazer a necessidade de ser aceito perante a sociedade se submete a diversos tratamentos para emagrecimento, sem um menor cuidado com os efeitos adversos possíveis nesse processo. Esses efeitos adversos em geral, são descritos em literaturas, estão relacionados a doenças clínicas. Devido essa desvantagem social em que o indivíduo obeso, se relaciona. Uma leve condição de sobrepeso condiciona o indivíduo a confrontar-se com os ideais estabelecidos culturalmente pela sociedade, fazendo com que se envergonhe de sua condição (SALLET, 2001 apud ZOTTIS; LABRONICI, 2003).

A nossa sociedade produz julgamentos sociais relativos referentes ao indivíduo de corpo obeso. Supervalorizando os corpos produzidos pelas academias, a magreza das modelos e também as modelagens do corpo a partir de implantes de silicone.

O indivíduo obeso sofre preconceitos pela sociedade proporcionando a ele que seus atributos negativos passem a compor fatores desencadeadores de problemas psicológicos neste grupo populacional. O grau da obesidade classificado a partir do Índice de Massa Corporal (IMC) ¹¹ acarreta sofrimento moral devido a discriminação social em sua vida acadêmica e profissional

¹¹ É um método para utilizado avaliação do nível de gordura de cada individuo classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Utilizado para fazer o enquadramento das categorias de peso, sendo considerado índice normal está entre 18.5 e 25.

produzindo problemas psicológicos no indivíduo. Fazendo com que o indivíduo obeso carregue consigo o peso da culpa e da responsabilidade de sua obesidade, e do peso de seu corpo. Ela em sua maioria é resultante do aumento do tecido adiposo promovido pelo desequilíbrio entre gasto energético reduzido e alimentação excessiva.

O obeso deixa de olhar-se no espelho, como mecanismo de defesa, fugindo de realizar um olhar para si mesmo. Além disso, deixa de ser fotografado e a não se pesar, fugindo da balança. Ele nega sua imagem corporal, fugindo das realidades desagradáveis recusando reconhecê-las e ignorando-as.

Existem vários mitos relacionados à ideia de que o obeso é um indivíduo perturbado e com uma personalidade característica. Na busca desse assunto, pode ser encontrado muitas tentativas de traçar um perfil psicopatológico do indivíduo obeso. Entretanto, nos estudos apresentam que o obeso tem um grau psiquiátrico de morbidade junto a população em geral, não sendo evidenciado um tipo de personalidade específica. Contudo, é possível constatar algumas peculiaridades psicológicas nos indivíduos obesos, como os aspectos culturais discriminatórios, baixa autoestima, transtornos de imagem corporal e comportamento alimentar alterado.

Para o obeso diante de tanto preconceito e discriminação, torna-se difícil continuar com sua autoestima positiva e imagem corporal sem a presença de perturbações e depressão. Nos comportamentos de baixa autoestima, são varias vezes encontrados sintomas depressivos e ansiosos provocados pelos efeitos danosos da discriminação e preconceito vivenciado pelo indivíduo.

Muitos indivíduos obesos iniciam o tratamento para emagrecimento para buscar melhoras em sua autoestima, no humor, e nos relacionamentos interpessoais. Acompanhando a necessidade de mudança, os sentimentos de ansiedade e insatisfação, provoca no indivíduo lançar mão do mecanismo de adequação para tentar mitigá-los. Em indivíduos obesos podemos encontrar com frequência o mecanismo de defesa do ego, envolvendo um grau de distorção da realidade e auto decepção.

Através da literatura podemos evidenciar que dentre as queixas dos indivíduos obesos as queixas físicas, em especial as relacionadas ao sistema músculo - esqueléticos são as que mais se apresentam. Pois são destacadas devido ao sentimento de incapacidade e expressão de dor devido à obesidade.

4.1. O MUNDO DA PESSOA OBESA NO APRENDIZADO DE MODELOS.

Segundo Medeiros, Macedo e Silva (2011), os meios de comunicação em massa (televisão, rádio, internet, etc.) desenvolveram uma maneira aprimorada de comunicação; ocorrendo-nos pelo prisma lúdico de apresentação sensorial em que a imagem, som e o estímulo emocional prendem e atraem a atenção da criança. A informação transmitida por esses meios em sua programação passam a ser adotados como um modelo, e com isso nem as famílias e a escola alcançam tamanha eficiência.

Essa comunicação se torna perigosa devido a não estar aliada a nenhuma obrigação com a cultura e o saber do poder desenvolver uma aprendizagem ético moral de significância nas crianças. Ele exclui a cultura, pois não tratam de penetrar em verdadeiros processos didáticos e simbólicos, porque comprometeria a participação coletiva na constituição do sentido de cerimônia similar. Efetuando-se unicamente por meio de um código formal de sinais e liturgia cuidadosamente esvaziados de todo o conteúdo (Op. cit.). Um programa tem a capacidade de proporcionar a influencia na aprendizagem de comportamento social da juventude, tanto pelo papel representativo exercido no imaginário infantil, quanto pela frequência.

Não se pode negar o poder persuasivo da mídia eletrônica nesse processo de aprendizagem adquirida através da imitação dos modelos. Favorecendo pela maior proximidade entre o público e os atores devido à simbologia representativa e diversidade virtualmente ilimitada de informações providas.

A aprendizagem através de modelos utiliza-se de modismos televisivos na maneira de vestir-se, falar, aparentar e os comportamentos têm sido um ponto de partida para compreensão dos comportamentos das crianças e dos jovens. Podendo facilmente contatar a existência de uma modelação no gosto e no comportamento social adquirido pela influência desse meio de comunicação. Bandura, Azzi e Polydoro (In_ MEDEIROS; MACEDO; SILVA, 2011) constatarem que “há um ambiente físico e socioestrutural que é imposto sobre as pessoas, gostem elas ou não. As pessoas não têm muito controle sobre a sua presença, mas têm liberdade na maneira como o interpretam e reagem a ele”. Encontramo-nos cada vez mais com indivíduos que copiam personagens de uma forma tão fiel que o a representação e o real confundem-se dando a impressão da ocorrência da aprendizagem por modelação.

A aprendizagem social lograda por meio de modelo ou observação acontece quando a pessoa incorpora um comportamento novo a partir de informações adquiridas através de um conjunto de instruções no qual fatores como: gênero, proximidade afetiva e status contribuem para uma representação desses fatores como produtores de uma aprendizagem social de comportamento. Porém, em uma aprendizagem infantil adquirida através de modelos, a imitação ou modelação

segue muito em uma linha de separação entre o politicamente correto em termos morais e éticos e o politicamente lento, em razão de benefícios e lucros adquiridos nas ações praticadas pelos personagens imitados.

Segundo Mosquera e Stobäus (2006) o surgimento da auto imagem acontece à partir da interação do indivíduo com seu contexto social, consequência de convivências estabelecidas com outros e consigo próprio. Podendo ser entendido pelo ser humano e antecipar seus comportamentos, considerar-se nas relações com os outros, proporciona no obeso a interpretação do meio ambiente em que vive e experimenta ser mais adequado às exigências que lhe é ocasionado e que propõe para si próprio. A língua seria o elo entre o Eu e a sociedade em que vive, compreendendo melhor a maneira de operar entre ele mesmo e os outros.

Na infância a criança obesa começa a providenciar esforços para a prevenção, sendo possível ainda nessa fase realizar modificações em seu estilo de vida e nos hábitos alimentares, visto que na adolescência, o indivíduo possui autonomia para tomada de decisão sobre o estilo de vida que deseja levar e o que comer. Essas escolhas muitas das vezes, não são melhores para a saúde, entretanto são legitimados pela sociedade de consumo que o cerca, onde proporciona no indivíduo obesa a valorização do menor esforço, numa competição desigual com o esforço corporal pleiteado pelas atividades físicas. Essa conduta de ociosidade intimamente ligada a uma alimentação inadequada, forma um desequilíbrio entre gasto energético e ingestão calórica, resultando na obesidade e nas resultantes negativas para a saúde do indivíduo.

A procura da perfeição do corpo está gerando exagero e preocupando profissionais e seus familiares, pois não estão conseguindo estabelecer limites para esse menor. Muitos menores já estão tendo um descontentamento crônico com seus corpos. Segundo Russo (2005), podemos encontrar patologias emocionais encorajadas pela cultura.

A veneração ao corpo está diretamente ligada à imagem de beleza, poder e mobilidade social, sendo crescente a insatisfação dos indivíduos com a própria aparência. O estilo de vida intimamente ligação com os avanços tecnológicos, propiciando a redução dos níveis de atividade físicas, associado a elevação da quantidade de alimentos hipercalóricos e ao consumo em fast food¹².

Segundo Sheldon (Apud_ CARVALHO et al., 2005), estudos iniciais acerca da satisfação corporal e a percepção do indivíduo, atribui características positivas e negativas em ambos os sexos para tipos físicos endomórficos (In_ PITANGUY et al., 1999), esses indivíduos possuem como

¹² Palavra inglesa que significa comida rápida, geralmente alimentos para pessoas que não dispõe de tempo para fazer uma refeição.

características positivas muitos amigos, gentileza, ser educados e ser feliz e o ser brigão, preguiçoso, chato e superficial como característica negativa.

Segundo Bicalho e Salim (2004), a obesidade está diretamente vinculada a infância, visto que é nessa fase, em torno dos dois e três anos de idade, que é adquirida a maior parte das células adiposas. A maior parte dos indivíduos obesos tem nesse período como sendo uma das vias principais. Com isso, indivíduos que apresentam um grau elevado de peso na infância tendem a se tornarem obesas quando adultas em relação aos indivíduos que se tornaram posteriormente obesas.

Os hábitos mais comuns indicados por autores nas literaturas para a aquisição de excesso de peso incluem-se maus hábitos alimentares, estilo de vida familiar, propensão genética e condição socioeconômica. Entretanto, a vida moderna encarrega-se de dar origem o ganho de peso, podendo citar como exemplo a praticidade de consumir produtos industrializados que contêm conservantes e a necessidade econômica, que a mídia encarrega-se de torna-los indispensável, valendo-se de substituições alimentares não recomendáveis ou errôneas. Aliado a isso, alguns aspectos do desenvolvimento psicológico tem grande importância influenciando o consumo excessivo. Desde os primeiros anos de vida o indivíduo aprende que a comida é um prêmio, ou para os que não desejam comer, a sobremesa é a recompensa por ter comido o alimento que seus pais querem.

Nesse ponto podemos inferir que a frequência que os meios de comunicação de massa transmitem sua programação com signos orais e visuais e estímulos, juntando outros estímulos que somam significados aos primeiros com emoções e sentimentos contribuindo para uma mudança comportamental nos indivíduos, particularmente nas crianças que se encontram em fase de formação, onde o estado de modelação influencia os valores morais e éticos.

4.2. A FORMAÇÃO DA AUTOIMAGEM NO OBESO.

As modificações físicas é um processo natural de mudanças orgânicas e físicas que o corpo humano vivencia, alterando-se ao longo da sua vida. No nascimento, já há o início do confronto de muitos desafios no ser humano. Nele já se evidencia o reconhecimento do que sucede em seu entorno, somando com um aliado extremamente forte: o seu corpo. Utilizando a exploração tátil, de maneira motora, o bebê registra os primeiros sinais acerca de si mesmo.

Na atualidade tem-se acometido na sociedade o culto a beleza do corpo, sendo proporcionado pelos meios de comunicação que se encarregam de gerar desejos e tornar mais fortes imagens padronizadas dos corpos. Por meio da mídia, são veiculadas propagandas com ideais de corpos, alcançando principalmente adolescentes, provocando uma procura de uma figura perfeita. Levando-nos a se afastar cada vez do seu corpo real. O adolescente passa acreditar que para haver

aceitação das outras pessoas, será preciso que sua imagem corporal fique de acordo com os modelos pré-estabelecidos, provocando satisfação uma insatisfação com o seu corpo, além de causar mudança na percepção da imagem corporal. Fazendo com que a preocupação com a aparência e o corpo esteja presente, resultante do auto-conceito comprometido e baixa auto-estima (Martins; Nunes; Noronha, 2008). Proporcionado pelo reforço de corpos atraentes, concebidos pela mídia, provocando em uma parcela da sociedade se lançar na procura de uma aparência física ideal.

Com efeito dessa mudança de percepção e necessidade de aceitação podem ser visto na obsessão do culto ao corpo e na perda de peso. Sendo evidenciado na i quantidade numerosa de cirurgias plásticas realizadas na juventude. Tais desejos proporcionam, mesmo de maneira inconsciente no indivíduo, um saldo negativo quanto a necessidade de cirurgias bariátricas para redução de peso, a anorexia e a bulimia em sim, estimulando a preocupação exagerada com o corpo. A busca para se adequar aos padrões sociais, propiciado pela mídia, provoca desajustes psicológicos quando não alcançado o corpo desejado, provocando a paranoia do físico.

Os indivíduos tomam conhecimento de como avaliar seus corpos no decurso da interação com o ambiente, desenvolvendo dessa maneira e reavaliada continuamente sua autoimagem durante toda sua vida. Porém, as necessidades sociais obscurecem as necessidades individuais. Concretizando, forçadamente em nosso corpo o ideal de corpo de acordo com a nossa cultura.

Atualmente pode-se associar a idealização de corpo com a ideia de consumo. Esse corpo em grande parte dos momentos é o objeto de excessiva valorização cedendo oportunidade de crescimento no mercado do musculo e aos consumos de serviços e bens com destino o sustento desse corpo.

A ideia de obtenção de sucesso, dinheiro ou felicidade na atualidade possui um único caminho, através da beleza. Os músculos torneados, os corpos esculpidos são mais do que apontamento de boa saúde, é resultante de uma corrente de interesses. A imagem está ligada pela mídia utilizando corpos de mulheres e homens esculpturais para a venda em torno de anúncios publicitários (MARTINS; NUNES; NORONHA, 2008). Os meios de comunicação estabelecem os padrões estéticos, contribuindo e incentivando a batalha do corpo belo. Tornando os indivíduos escravos de um ideal, destacando o narcisismo e obrigando para si uma disciplina severa e muitas vezes dolorosa.

Caso o indivíduo possuir dificuldade sobre como irá proceder para conquistar a aparência desejável para a sociedade, não será pelo falta de sugestões e informações de atividades físicas, dietas, e todo esplendor comercial que que dispõe a sociedade, propiciando novo padrões constantemente. Estamos vivenciando atualmente, uma cultura acerca da excessiva valorização da aparência jovem.

Com relação aos cuidados com o corpo em outras épocas, Lepargneur (Apud_RUSSO, 2005) comenta falando que na Idade Média as pessoas flagelavam-se para dominar o corpo. Em vista disso, hoje as pessoas fazem spinning, ginástica e musculação para modificar sua aparência. Mudando dessa forma os instrumentos de tormento.

Piaget, Freud, Vygotsky e Wallon (Apud_Vieira; Silva, 2006)¹³ expõe que o desenvolvimento infantil, em concordância com a idade, são atribuídos uma gama de características cognitivas, psíquicas e afetivas indicados em qualquer meio social e cultural. Na elaboração dessas características, as crianças trazem de seus próprios hábitos ou costumes, uma amostra pré-estabelecida que houvesse aprendido e internalização, incluindo os valores culturais.

Gonçalves (2011 apud ZOTTIS; LABRONICI, 2003) fala que a imagem corporal é ao mesmo tempo mutável e constante. É uma reconstrução inalterável do que se percebe de si mesmo e resoluções inconscientes que carrega do seu dialogo com o mundo. É a forma a qual o corpo se exhibe para si mesmo. Ela ultrapassa os aspectos neurológicos, mas refere-se às conexões entre o mundo ao redor do indivíduo e o indivíduo em si. As noções de espaços externo e internos na imagem corporal, vai, mas adiante do que os limites corpo físico.

“Entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. Há sensações que nos são dadas. Vemos partes da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas de dor (...). Além disso, existe a experiência imediata de uma unidade corporal. Esta unidade é percebida, porém é mais do que uma percepção. Nós a chamamos de esquema de nosso corpo (...) de modelo postural do corpo. O esquema do corpo é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Podemos chamá-la de imagem corporal” (SCHILDER In_GIORDANI, 2006, p.84).

As imagens do corporal não provem somente de sensações táteis ou impressões, porém está relacionado à representações e figurações acerca do próprio corpo. A figuração corporal está ligado a imagens sustentadas em uma relação com algo. Por essa imagem, o indivíduo armazena uma situação, uma relação, equivalente a imagem a qual o objeto esta relacionado com a maneira que foi percebida. A imagem corporal auto aprendida ultrapassa as barreiras do corpo físico.

Para o obeso, a construção da auto imagem é ponto de convergência objetal do indivíduo em si, sofrendo a interferências de outras referencias exteriores que são também atribuídas pelo

¹³ Autores que procuravam distinguir a criança nas variadas fases do desenvolvimento.

indivíduo para designarem a incorporação em si, fazendo uso até mesmo de outras imagens significativas e próximas para serem usadas na construção dessa auto imagem.

A imagem corporal que o indivíduo tem de si não se mantém uniforme e fixa, mas se origina em um emprego de força permanente do indivíduo para exceder essa identidade corporal. Evidenciando no movimento a reestruturação e aberturas ligadas a alterações das situações precisas em que o obeso se encontra. Para Giordani (2006, 86), a imagem corporal não está baseada apenas nas memórias, associações e experiências, mas também nas inspirações, intenções e tendências do indivíduo obeso.

A tomada de conscientização de si acerca de sua própria imagem, envolvendo seus aspectos fisiológicos, afetivos e sociais, é um destino promissor para a mudança do corpo-objeto em um corpo-sujeito no contexto social prazerosa e significativa.

5. A AVENTURA DE DIFERENCIAR-SE E TORNAR-SE VOCÊ!

Vivemos em um mundo onde a superabundância de forças demasiadamente poderosas atuam sobre nós. Desde o nascimento, transitando pela escola, até o trabalho, arriscam suprimir nossa criatividade, individualidade e nossa curiosidade. Tentando destruir tudo o que nos estimula a pensar por si próprio.

Para Nietzsche (Apud_ NASSER, 2011) os valores morais aparecem da mente do ser humano, à partir de suas próprias necessidades e avaliações, ele é criador um animal que avalia, criador de valores. O caráter do pensamento não é a descoberta da verdade como tem suportado grande parte da filosofia ocidental, mas responsabiliza-se sobreviver no mundo. O ser humano evolui porque tem a necessidade de gerar idéias que nos auxiliam a organizar a mente, a vida e a sociedade. Necessita pensar coisas que não são verdadeiras para fazer sentido ao que na verdade é uma realidade caótica.

O indivíduo precisa gerar novos valores e desprezar os “sentimento de rebanho¹⁴”. Cada indivíduo deve viver para si mesmo, da mesma forma. Devendo evitar ser classificado pelos outros, viver em concordância com as expectativas das outras pessoas. Viver para si mesmo significa desempenhar controle sobre as situações e se tornar bem sucedido nelas de maneira a tornar-se feliz. O que faz a pessoa ser feliz não é determinado pelo que outros acreditam, mas somente por si mesmo. Se a pessoa obedecer a sua própria vontade, permanecerá feliz com suas ações e com

¹⁴ *Sentimento de coletividade*. Todos aqueles indivíduos comuns que gostam de permanecer unidas, a pensar e agir da mesma forma.

sua vida de uma maneira em geral. Com isso, não se arrependerá e permanecerá satisfeito em viver a mesma vida outras vezes.

Segundo Nietzsche (Op. cit.) o espírito originado de uma erupção e irrequieto, clama por liberdade, quebrando grilhões, despedaçando a opressão da moral tradicional, destruindo religiões, quebrando barreiras, removendo as máscaras, bradar contra a hipocrisia e falsidade da sociedade.

Com um olhar mais aprofundado acerca da experiência imediata do ego ideal, Rogers (1961) elucida que é necessário o indivíduo se dar conta na necessidade da experiência livre no processo terapêutico produzido através das reações sensorial e viscerais do organismo, sem imputar um excessivo esforço para descrever as experiências com o Eu. O indivíduo acaba por descobrir que sua experiência, com toda diversidade e contradição pouco profundo.

Será proveitoso para aceitação de si mesmo, não acolher como primordial a interferência do outro no desenvolvimento. A satisfação origina-se pelo fato de ter se libertado para que seu crescimento e desenvolvimento seja a sua maneira. O indivíduo em terapia não somente se aceita, mas também expressa que pode carregar consigo a compreensão de uma aceitação que resiste e sem consentimento do inevitável, proporcionando a gostar si mesmo genuinamente. Apreciando-se da forma como se é e a qual se apresenta.

Segundo Rogers (1961, p.91), o indivíduo depara-se no decurso da vida e do processo terapêutico experiências concisas a qual se defronta de maneira saudável e aceitável, sendo ocasionadas à partir da vivência dos seus sentimentos. Proporcionando uma experiência total e de plena consciência de todas suas resistências, incluindo a aceitação positiva que a pessoa experimenta em uma afeição positiva por si própria, uma avaliação verdadeira de si própria como uma unidade total de funcionamento, representando um dos pontos de chegada da terapia de maior importância.

Maslow (Apud_ ROGERS) defende vigorosamente a natureza animal do homem, fazendo notar que as emoções antissociais (a hostilidade, a inveja, etc.) resultam da frustração dos impulsos mais profundos do amor, da segurança e da posse que em si desejáveis. O indivíduo deve aceitar de maneira integral a natureza fundamental do homem e o seu inconsciente, constituindo primariamente pelos instintos.

Neste contexto, pode-se verificar o indivíduo ponderando a máscara que vinha empregando, reconhecendo sua insatisfação com ela, e buscando ter conhecimento como alcançar o seu verdadeiro Eu que se localiza-se por detrás desta máscara. Ele visa explorar e analisar os diversos aspectos da experiência, com o intuito de legitimar e enfrentar as profundas contradições que geralmente é descoberto. Aprende que seu comportamento e sentimentos vivenciados constituem-se de uma fachada frente ao que se deseja ocultar do outro.

Para que ocorra a mudança no indivíduo de forma favorável, ele deve permitir a queda das máscaras defensivas, vivenciando de maneira plena os aspectos omitidos de si mesmo. Avista nessas experiências o estranho que se encontrava por trás das máscaras vivenciadas. Esse indivíduo aceita os elementos das experiências orgânicas, desenvolvendo confiança em si mesmo, aceitando o ponto de avaliação consistido dentro de si e continuamente descobrindo novos aspectos.

5.1. INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DE DIFERENCIAÇÃO NA VISÃO JUNGUIANA.

Segundo Jung (Apud_SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988) um indivíduo tornar-se inteiro, si mesmo e distinto de outros indivíduos ou da psicologia coletiva. Significa tornar-se um ser único, no grau que por individualidade compreendermos nossa singularidade mais última, mais íntima e incomparável, exprimindo também que nos restituímos o próprio si –mesmo. O Ego está para a *integração*¹⁵ quanto o self está para a auto - experiência e auto realização. O processo de individuação é um movimento circular do *self* como o centro da personalidade que vai se tornando unificado. O indivíduo se torna consciente no que se pode ser tangido a ele ser tanto um ser único, como ao mesmo tempo, não mais que uma mulher ou um homem comum.

Entretanto a idéia de individuação não está ligada ao individualismo. A ampliação de consciência e a diferenciação da personalidade que distinguem a individuação reduzindo a projeção de conteúdos internos sobre os outros, o que dá auxílio a relacionamentos mais verdadeiros. Todos os relacionamentos são indícios do estado de nossa vida interior, e nenhum relacionamento tem a possibilidade de ser melhor do que o nosso relacionamento com o próprio inconsciente.

O desenvolvimento da personalidade se dá ao longo da vida toda e depende da relação do eu que é estabelecida com o *Self*. O self, como centro da totalidade da psique, sempre estimula a adaptação do ego, seja na realidade exterior primeira metade da vida ou na realidade interior, ocorrida na segunda metade da vida. O relacionamento entre o Self e o ego geralmente é crítico acarretando uma dose de dificuldades e provocações nas várias etapas da vida. Na primeira metade o foco essencial está no desenvolvimento do ego e de uma persona estruturados, garantindo uma adaptação à cultura em que se vive.

Com a maturidade possui a exigência do Self em direção à completude, de ser não ser dividido. Com a maturidade existe um movimento da psique em direção à totalidade através da

¹⁵ É o processo que propõe o princípio essencial para a individuação sem a clara ênfase sobre a imparidade e auto-realização implícitas. Implicando no indivíduo o sentimento de totalidade, resultante dos vários aspectos da personalidade.

integração das partes inconsciente e consciente da personalidade o que guia à consciência do Self. O ego deve se por a serviço do Self, representando uma mudança importante e não isenta de crises e conflitos. Na concepção de Jung (Apud_PARISI, 2009), a individuação se dá de maneira quase enfatizada e exclusiva na segunda metade da vida. Entretanto, há o questionamento de muitos junguianos acerca do processo de individuação, pois creem que o processo se encontra em toda vida e não somente na segunda metade dela.

Faz-se necessário os indivíduos deixarem de ser condicionados socialmente, pelas suas autoimagens e por aquelas que são concedidas pelos outros com quem há relacionamentos e origina ainda grupos sociais, os seres humanos unem-se uns aos outros numa pluralidade da vida em sociedade. Significando com isso falar que a relação entre indivíduo e sociedade só poderá ser compreendida se investigarmos ambas as entidades em interdependência, em mutação e processualmente, e não como entidades sobrepostas e opostas.

Como o processo de individuação está ligado intimamente com o autocontrole, remetem a pessoa se interiorizar os sentimentos, emoções, paixões, controles e representações fabricadas nas relações sociais e em suas prontidões mentais e posteriormente exterioriza-los através de comportamentos. Proporcionando uma aceitação de si mesmo maduro e saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada indivíduo a necessidade de ocultamento e compreensão acerca de si mesmo e do que é pensado pelo outro sobre si. Muitas das vezes acreditam que a supressão dos seus desejos, instinto e comportamentos é a melhor maneira de se precaver da não aceitação do que se realmente é. Entretanto, o proporcionado por essa atitude é a perda da sua individualidade e personalidade, pois passam a assumir o que o outro deseja.

A aceitação de si e do outro como ele é, é um posicionamento para uma vida integral para verdadeiramente descobrir o caminho para a felicidade. Encontramos na aceitação uma regra primordial para conduzi-la a paz interna, o amor a si próprio e todas as realizações, proporcionado por um estado dinâmico, a felicidade. Através da aceitação abre caminho para o indivíduo reconhecer as próprias virtudes e fraquezas.

Para que o indivíduo alcance esse nível de aceitação próprio é necessário que a pessoa tome conhecimento de todos os aspectos pessoais e saber utilizar no processo de interação social. Tornarem-se verdadeiros acerca de si é o ponto crucial para não acometer a angustia e insatisfação. Faz-se necessário a procura do ego ideal a si, não importando o tempo necessário para que isso se realize.

Uma das considerações de Rogers em seus estudos está relacionada ao amor a si próprio. Estando este amplamente ligado ao processo de auto-aceitação, pois com ele o indivíduo consegue perceber que qualquer acontecimento, comportamento, etc.

O ser humano necessita constantemente ser aceito, amado e adorado pelo outro, sem realizar o questionamento interno se está pronto para que isso aconteça. Se o indivíduo não se ama, como conseguirá ser amado e aceito pelo o outro. Inevitavelmente, o amor vem acompanhado de aceitação e desapego.

Os indivíduos tem a aptidão de conseguir submeter-se a experiência e de segurarem conscientemente os seus desajustes. Estando relacionado à experiência submetida as incoerências entre suas experiências reais e o seu autoconceito. Estando associada a capacidade disposição instintiva que está por baixo à modificação do auto-conceito, no sentido de estar verdadeiramente em concordância com a realidade.

No caminhar da individuação o defrontamento dos complexos e a integração dos amores não surtirão efeito no sujeito se ele não se desapossar-se de sua persona. Tendo a função de ser utilizar-se disso, como instrumento de adaptação das obrigações das funções sociais que representamos, tornando-se nocivos quando o indivíduo tornar se com ela, ao ponto de confundir com sua verdadeira face. Passando acreditar que o personagem que representa é verdadeiramente o que se é. A persona precisa ser despojada da pessoa para que se possa admirar sua face verdadeira e ir em frente, no processo de individuação.

Para um equilíbrio psíquico aceitável e a estabilidade emocional, faz-se necessário percorrer o caminho da individuação. Por ser um processo e não um estado, jamais a individuação atingirá a sua plenitude, a menos que para aqueles que acreditam na morte como um reencontro da totalidade do ser.

Através do processo terapêutico busca-se entrar em contato com o afeto reprimido, conduzir estes complexos inconscientes à superfície, com o intuito de um contato com seu Self mais profundo. Outra finalidade do processo de individuação foi e o de “sair do casulo”, desguarnecer-se dos seus próprios desejos, valores e autoestima. Para que isso ocorra, será necessário olhar a sua volta, entendendo aos poucos que não se esta vivendo sua vida e sim a vida que os outros esperam que vivencie. Para integrar os caminhos interiores opostos é necessário confronto consciente com a sombra em sua personalidade, que possui atributos e qualidades indesejáveis que não se deseja assumir. Assumir e enfrentar esses atributos são um processo doloroso e difícil; isso porque a sombra, embora possa moderar elementos positivos da personalidade, consistindo fundamentalmente dos aspectos inferiores, adaptados, primitivos e inconvenientes da natureza que é reprimido devido as considerações estéticas, morais e sócio culturais impostas pelos outros indivíduos.

Negar-se é correr um grande risco de não vivenciar aquilo que realmente se é. Devemos consentir que uma parte da vida que não foi vivida, possa guardar novas energias para viver. Saber que se pode falhar, que não precisa estar bem frequentemente, faz parte daquilo que é ser humano.

Para concluir deixo uma citação de Nietzsche (Apud_ NASSER, 2011) que fala que: para aprender a tornar-se o que se é leva o tempo de uma vida, entretanto ainda manifesta ser o melhor a ser feito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Margarida; FERREIRA, Marina Baird (et al.). **Aurélio: Dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Curitiba: Positivo, 2007.

ARANHA, Maria Salefe Fábio. **A interação social e o desenvolvimento humano**. Ribeirão Preto: Temas psicologia: vol.1, n.3, pp. 19 - 28,1993.

BICALHO, Rute Nogueira de Moraes; SALIM, Cássia Maria Ramalho. **Obesidade infantil - aspectos psicológicos envolvidos na causa e suas consequências**. Brasília: Univ. Ci. Saúde, vol. 2, n. 1, pp. 23-38, 2004.

CARVALHO, Ana M. Pimenta; CATANEO, Caroline; GALINDO, Elizângela M. Careta (et al.). **Auto conceito e imagem corporal em crianças obesas**. EERP - Universidade de São Paulo. Paidéia: vol.15, n.30, pp. 131- 139, 2005.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.

ECKSCHMIDT; Frederico. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Disponível em: <<http://www.psicooanalitica.com.br/arquetipos.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2012 às22:40h.

FERRIANI, Maria das Graças C.; DIAS, Taísa Silva, SILVA (et al.). **Autoimagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso**. Recife: Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, vol.5, n.1, pp. 27-33, 2005.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. **A autoimagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica**. Paraná: Psicologia & Sociedade, vol.18, n.2, pp. 81-88, mai./ago. 2006.

HOLANDA, Kelma Madeira F. de; MILITÃO, Julio Guido Oliveira; SAMPAIO, Rutênio; Furtado, Elizabeth Sucupira. **Conceitos e Práticas de Projeto da Interação com foco em modelagem dos usuários através de Personas**. In. ESCOLA REGIONAL DE COMPUTAÇÃO DO MARANHÃO E PIAUÍ – ERCEMAPI, 6..., 2008. **Anais...** São Luís, MA: UNIFOR, n.1, pp. 1-20, 2008.

HONORATO, Tony. **Individualização e internalização segundo Norbert Elias e Levsemenovich Vigotski**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, 8., Universidade Federal da Paraíba.

Anais... João Pessoa-PB, 2004.

NOVAES, Adenáuer. **Mito Pessoal e Destino Humano**. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol.13, 1963.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, vol. 2, 2000.

_____. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol.2, 2008, 316p.

KLINTOWITZ, Jacob. **Máscaras brasileiras**. São Paulo: Projeto Cultural Rhodia, 1986.

KROTH, Léo Teobaldo (et al.). **O estudo da consciência, dos arquétipos e seus reflexos no desenvolvimento humano e organizacional**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS, 4., 2008, Franca, SP. **Anais...** Franca, SP: Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, 2008. 15p.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise/Laplanche e Pontalis: sob a direção de Daniel Laplanche**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOJA VIRTUAL IANDÉ. **Máscaras Indígenas**. Ouro Velho, SP: Fotografia de máscaras indígenas, 2012. Disponível em: < <http://www.iande.art.br/loja/mascaras.htm> >. Acesso em: 04 dez. 2012.

MACHADO, Maria Beatriz Fróes. **Manual de estrutura de trabalhos acadêmicos**. Nilópolis, RJ: Faculdade de Ciências Médicas e Paramédicas Fluminense, 2011.

MAIA, Fernanda do Nascimento; **As máscaras e suas múltiplas faces no processo arteterapêutico**. Rio de Janeiro: ISEPE, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Objetivo, Método e Alcance desta Pesquisa”. In: Alba Z. Guimarães (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 39-61, 1975.

MARTINS, Denise da Fonseca; NUNES, Maiana Farias Oliveira e NORONHA, Ana Paula Porto. **Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes**. *Psicol. teor. prat.* [online], vol.10, n.2, pp. 94-105, 2008. ISSN 1516-3687.

MEDEIROS, Rosana Muniz; MACEDO, Joana D'arc Ferreira; SILVA, Tereza Tânia Cavalcante. **Criança e televisão: aprendizagem por modelação em um programa**. In: I ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO. Alagoas: [Revista Brasileira de Política e Administração da Educação](#), 2011. ISSN: 1981-3031.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIORIM, Rinaldo. **Aprender com o corpo: estabelecendo relações entre a psicologia analítica e as técnicas corporais taoístas**. 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. **Autoimagem, auto-estima e auto-realização: Qualidade de vida na universidade**. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS: Psicologia, Saúde & Doenças, vol. 7, n.1, pp. 83-88, 2006.

NASSER, Eduardo. **Como tornar-se o que se é: si-mesmidade e fatalismo em Nietzsche**. Pelotas: Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pelotas - UFPel, vol. 33, pp. 189 – 226, 2011.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, vol.5, 2003, 323p

_____, **A Grande Mãe: Uma Análise do arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 1996, 536 p.

_____. **A Criança - Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação**. São Paulo: Cultrix, 1991, 183p.

NUNES, Victor Hugo Araújo; BORGES, Adriana Nunes da Cunha; LARONGA, Caio Roberto; SGORBISSA, Cássio Luiz (et al.). **Persona**. São Paulo: Faculdades Integradas Rio Branco, 2010.

NUNLEY, J. e MC CARTY, N. **Masks faces of culture**. Nova York: Ed. Abrams, 1999.

OCANÃ, Emma Martínez. **A sabedoria de integra a sombra**. Lisboa: Fundação Betânia, cap. 13, 2008.

PARISI, Silvana. **Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da Psicologia Analítica**. Tese (Doutorado). 2009. 272p. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Rafael Fernandes; RIBEIRO, Matheus; TRINDADE, Lucas (et al.). [Máscaras](#)

Para os Indígenas. Brasil arte indígena, jun. 2012. Disponível em: <
<http://artedosindigenas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2012 às 16:45h.

PITANGUY, Ivo; JAIMOVICH, Carlos Alberto; MAZZARONE, Francesco; PARRA, Jairo F. Navarro. **Semiologia da Parede Abdominal: Seu Valor no Planejamento das Abdominoplastias.** Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, vol. 14, n.3, pp. 21-50, 1999.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; **Cognição Social e Teoria do Apego: Possíveis Articulações.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.16, n.2, pp. 403-410, 2003.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline M. Leal; JABLONSKI, Bernado. **Psicologia Social.** Revista ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, vol. 27, 2009.

RODRIGUES, Diego (coord.); **Dicionário Larousse escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2004.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora, vol. 2, 1961.

RUSSO, Renata. **Imagem corporal: construção através da cultura do belo.** Espírito Santo de Pinhal, SP: Movimento & Percepção, vol.5, n.6, pp. 80-90, 2005 – ISSN 1679-8678.

SAIKALI, Carolina Jabur; SOUBHIA, Camila Saliba; SCALFARO, Bianca Messina, CORDÁS, Táki Athanássios. **Imagem corporal nos transtornos alimentares.** São Paulo, SP: Revista de Psiquiatria clinica. Disponível em: <http://urutu.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol31/n4/164.html>. Acesso em 02 mar. 2012.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário Crítico de análise Junguiana.** Rio de Janeiro: Imago, vol.1, 1988. Disponível em: <
<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/abertura.htm>>. Acesso em: 23 out. 2012 às 23:40h.

SANTOS, Eduila Maria C.; TASSITANO, Rafael Miranda; NASCIMENTO, Wallacy Milton F. do (et al.). **Satisfação com o peso corporal e fatores associados em estudantes do ensino médio.** Revista Paulista de Pediatria: vol. 29, n.2, pp. 214-223, 2011.

SILVA, Patrícia dos S. Caldas. **Desafios e Potencialidades do Desenvolvimento Humano na Gestão das Organizações Públicas: um olhar sobre a comunicação e o autoconhecimento.** In. CONGRESSO BRASILEIRO CIENTIFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PUBLICAS, 3., 2009. Bahia: Fundação Visconde de Cairu, pp.1-15, 2009.

STEIN, Murray. **Jung – o mapa da alma: uma introdução.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1998.

V de Vingança. Direção de [James McTeigue](#). EUA / ALE: Warner Bros, 2006. 1 DVD.

VIEIRA, Claudia A.; SILVA, Vanilza Jordão. **O corpo da criança e a obesidade na**

Contemporaneidade. Salvador: Revista de Educação/Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, pp.1-10, 2006.

VIEIRA, Kassius Otoni; SILVA, Rodrigo Luciano Reis; MANTOVANI, Harley Juliano. **Desenvolvimento e o aprendizado em vigotsky.** Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2012. Disponível em: http://www.catolicaonline.com.br/semanapedagogia/trabalhos_completos/O%20DESENVOLVIMENTO%20E%20O%20APRENDIZADO%20EM%20VYGOTSKY.pdf. Acesso em: 19 nov. 2012 às 22:10h.

VILLA, Carlos; SANDRO, Diogo; VIEIRA, Anabela. **Aprendizagem.** O portal dos psicólogos, pp. 1-16, 2009. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0125.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2012 às 20:40h.

ZOTTIS, Carolina; LABRONICI, Liliana Maria. **O corpo obeso e a percepção de si.** Curitiba / PR: Universidade Federal do Paraná, 2003.